



## CONGREGAR PARA FAZER CONGRESSOS

Conheça o trabalho dos colegas envolvidos na organização dos ConSerpros

Revista Interna Nº12 - Novembro 2011

- **FALAR SEM ABRIR A BOCA**

Colegas da Regional Porto Alegre aprendem Libras, língua dos surdos

- **NASCIDA NA CIDADE VERDE**

Um pouco da história da Regional instalada em Curitiba

- **PARA QUEM GOSTA DE SABER**

Conheça alguns dos usuários mais assíduos das bibliotecas do Serpro

## PARA COMPARTILHAR O CONHECIMENTO

*Às vésperas da oitava edição do ConSerpro, a GPS resgata um pouco de um trabalho raramente apresentado: o de saber fazer o congresso acontecer*

Qual é a satisfação de aprender, de conhecer profundamente um tema, um assunto? Por que as pessoas estudam, pesquisam, publicam teses e inovam no campo do conhecimento? Não há resposta isenta de subjetividade para essa questão. Mas uma coisa é certa: ninguém quer guardar para si o resultado de dias, meses e anos de esforço mental – e, algumas vezes, operacional também.

É aqui que o Congresso Serpro de Tecnologia e Gestão Aplicadas a Serviços Públicos, ou simplesmente ConSerpro, encontra sua razão de ser. Graças à atuação de pessoas que ousaram apostar na qualidade do conhecimento dos empregados e em sua disponibilidade para compartilhar, o evento existe desde 2003.

“Queríamos um congresso interno nos moldes do antigo Congresso Serpro de Informática, o CSI, só que atualizado com os avanços tecnológicos e de gestão” conta Vera Moraes, lembrando sua conversa com Armando Frid, diretor do Serpro na época. “Em 2004, quando o Serpro completou 40 anos, a UniSerpro realizou o primeiro ConSerpro. Mostramos que na empresa temos uma enorme capacidade para desenvolvimento de pesquisas aplicadas ao serviço público, implantando o congresso de forma



Bruno Lessa fala no ConSerpro Fortaleza, em 2008

caseira, num processo de extrema cooperação das áreas envolvidas, congresso este que se consolidou nestas oito edições”, completa Vera, que esteve à frente das edições de 2004 a 2007, como coordenadora da UniSerpro, e de 2008 a 2010, como diretora de administração.

### Antes do ConSerpro

O ConSerpro teve sua primeira pedra lançada ainda

em 1981, quando surgiram os Congressos Serpro de Informática (CSIs). “Paulo Rivéro, que era o diretor de uma área de engenharia de produção, percebeu que o Serpro, apesar de ser a maior empresa de informática da América Latina, tinha presença tímida em eventos de tecnologia, e passou a questionar que estímulo faltava para que seus técnicos se animassem a participar”, explica Luiz Edmundo Alves Moreto, do Rio de Janeiro. “Rivéro teve a ideia de criar



Serge Rehem, de Salvador, teve trabalhos selecionados em quatro edições do ConSerpro

um evento interno, similar aos seminários do mercado, que estimulasse o pessoal a mostrar seu conhecimento e servisse de trampolim para eventos similares”, relata Moreto.

O primeiro CSI, em 1984, foi realizado em Brasília, sob coordenação de Ismar Cunha. A partir daí outros Congressos foram realizados anualmente, coordena-

dos por Rivéro, em Petrópolis (RJ). Em quatro anos de realização dos CSIs, o Serpro conseguiu duas vezes o primeiro lugar no Congresso Nacional de Informática realizado pela Sucesu - Sociedade de Usuários de Informática, instituição relevante no desenvolvimento da informática da década de 80. Em 1988, ocorreu o 5º CSI e a 1ª Feira Serpro de Informática (FSI), realizados em Brasília na Esaf.

### Momento emocionante

Além de profissionalismo e dedicação, a história do ConSerpro também guarda muitos momentos comoventes. Moreto, gestor do ConSerpro desde sua primeira edição, lembra facilmente de um caso para destacar: “Na edição de 2005, no Rio de Janeiro, o maior prêmio foi para o empregado Paulo Roberto Rocha Vitorino, lotado em Paranaguá (PR). Por ser o único empregado naquela localidade, ele precisou negociar sua substituição com um colega para que pudesse ir ao Rio de Janeiro. Para mim, foi o momento mais emocionante de todas as edições do ConSerpro, pois ali concretizamos nosso objetivo: dar visibilidade aos talentos da empresa, não importando onde estivessem”, reflete Moreto. “O ConSerpro comprovou, ao longo dos anos, que os nossos talentos estão espalhados por centros de excelência nas diversas regionais e escritórios, muitas vezes em pontos distantes”, declara.

### Participantes assíduos

Voltado exclusivamente para os empregados do Serpro, (apesar de admitir parceiros na condição de co-autores), o evento tem sido vitrine para que os empregados possam compartilhar suas habilidades. Maísa Pieroni, por exemplo, é uma das empregadas que esteve presente em todas as edições do ConSerpro, nas quatro primeiras apresentando trabalhos. “Em 2006, com um trabalho sobre Inclusão Digital, escrito em parceria com o Luiz Cláudio Mesquita, ganhei o primeiro lugar. A partir de 2007, passei a coordenar o ConSerpro, sendo a responsável pela gestão do projeto”, relembra.

Mas o que leva os empregados a participarem do ConSerpro? Para Maísa, o incentivo maior é a capa-

cidade de tornar ideias inovadoras em algo de valor para a organização. Este posicionamento tem contribuído para que alguns empregados se destaquem participando de mais de um ConSerpro, como Serge Rehem, de Salvador, e Viviane Dias Malheiros de Pinho, de Brasília, que tiveram trabalhos selecionados em mais de quatro edições do ConSerpro. Além deles, Mário Evangelista de Souza, de Fortaleza, foi selecionado nos três últimos anos. José Carlos Paulista de Souza, de Brasília, e Francisco Nauber Bernardo Góis, de Fortaleza, foram selecionados duas vezes. Já Weldson Queiroz de Lima, de Brasília, teve dois trabalhos selecionados no ConSerpro de Salvador, além de receber Menção Honrosa em Porto Alegre.

### De Regional em Regional

“A cada ano, o ConSerpro tem recebido novos desafios. Cito três: a definição do temário, que busca antecipar as necessidades de novos conhecimentos e propostas inovadoras para a organização; a ampliação de incentivos aos empregados para apresentarem suas ideias inovadoras; e a mensuração dos projetos aplicados na empresa”, relata Maísa, destacando ser este o ponto essencial do ConSerpro: concretizar as ideias inovadoras, produzindo valor.

Mas um dos primeiros desafios do evento foi se tornar itinerante. “Ao término da primeira edição, quando ainda comemorávamos o estrondoso sucesso, provoqueei Vera Moraes sugerindo que a próxima edição fosse na Regional Rio de Janeiro, a primeira sede do Serpro”, conta Moreto. Isso se revelou altamente benéfico, por ser um estímulo à participação dos empregados locais e também para movimentar as regionais. O evento já aconteceu em Brasília, Rio

de Janeiro, Salvador, Fortaleza, Porto Alegre, Belo Horizonte e, neste ano, ocorre em Curitiba.

“O fato de o ConSerpro percorrer as regionais é um dos pontos mais positivos”, explica Vera Moraes. “Sempre convivemos com eventos no eixo Brasília, Rio e São Paulo. A possibilidade de cada uma mostrar sua competência para sediar eventos científicos, apresentando ao conjunto da empresa sua cultura, é significativa”, completa.

Já Moreto destaca os benefícios para quem realiza o evento na sua cidade: “a cada edição, ocorrem melhorias nas instalações da regional, que pode ganhar um novo andar, um novo auditório, uma reforma”, constata.

Além de conquistas materiais, a realização tem um importante papel motivador, intensificando “um espírito de equipe de todos os empregados, que se envolvem de corpo e alma no ConSerpro”, destaca. ▶



ConSerpro 2004, em Brasília: premiados e coordenação



Luiz Moreto e Tiago Bastos, da organização do ConSerpro 2010, em Recife

### Como uma orquestra

“É emocionante lembrar um trabalho tão bonito, que estabeleceu uma bela amizade. Eu, Telemberg, Moreto, Ana Lúcia e Vera, que fazíamos parte do Grupo de Trabalho do ConSerpro, trabalhamos como uma orquestra: afinados e em sintonia”, resume Ricardo Bahia, ao lembrar sua participação nas quatro primeiras edições do ConSerpro. “Sinto saudade das milhares de reuniões por áudio, da construção de projetos, relatórios, viagens, enfim, de tanta coisa que realizamos”, destaca Bahia.

Para Vera Moraes, participar da organização do ConSerpro também foi uma experiência marcante: “foi uma honra e um enorme prazer conduzir o ConSerpro em todas essas edições. Ficou demonstrado que, independente do tamanho, do número de empregados e da localização, as regionais também tem uma enorme capacidade de realizar eventos”, conclui.

De 22 a 25 de novembro de 2011, a Regional Curitiba comprovará essa competência sediando a 8ª edição do ConSerpro. ■

### 🔍 Você Sabia?

#### Empresta o Mascote?



Em Salvador, um dia antes da abertura, surgiram algumas dificuldades técnicas e antes que o “estresse pré-abertura” chegasse à comissão organizadora, a empregada Eliana Dias “emprestou” o mascote da extinta Supti: Zenapp 32.dll, um espantalho que mandava os problemas embora. Quando surgia um problema, o mascote ficava junto, materializando o desejo de sucesso de todos e, como todo bom amuleto, ajudava na resolução. No ConSerpro, Zenapp cumpriu bem sua missão de talismã de boa sorte. “Esse espírito de solidariedade, aliado ao esforço e capacidade de cada envolvido, levou à plena realização do congresso”, lembra Vera Moraes.

## OUTRA LÍNGUA NO CURRÍCULO

*Colegas da Regional Porto Alegre aprendem Libras para aprimorar atendimento ao público*

“Eu via algumas pessoas na rua 'falando com os dedos' e ficava curioso. Hoje eu presto atenção naquelas traduções para surdos, no canto da tela da tevê, e já dá para entender alguma coisa. Bem pouquinho, mas dá”, brinca Paulo Antônio Faggion, que atua na Certificação Digital de Porto Alegre. Como outros 19 colegas, ele faz parte da turma selecionada para fazer o curso de Libras, Língua Brasileira de Sinais, que ocorre na regional de setembro a dezembro deste ano, com duração de 40 horas-aula.

“A ideia é que esta iniciativa funcione como um piloto, para avaliá-la e estendê-la a todo o Brasil”, afirma Gilberto César de Oliveira, gerente da Supgl e integrante da Comissão de Responsabilidade Social e Cidadania, área que articulou a realização da atividade. Além dos empregados que têm mais contato com o público, o curso está sendo feito por alguns dos terceirizados, como Telmara Nogueira de Oliveira, da empresa de segurança. “Achei curioso como alguns dos gestos que nós usamos no dia a dia representam palavras para eles”, analisa.

A conveniência de ter pessoas que possam se comunicar melhor com os surdos foi percebida em várias situações, como em uma oportunidade na qual era



A professora Simone corrige sinais em Libras de Faggion e Wladimir, em Porto Alegre

preciso explicar a um visitante que ele não poderia entrar no prédio por estar vestido com bermudas. “É muito angustiante não conseguir se comunicar com as pessoas. Acho que o curso vai ajudar bastante”, acredita Anete Faccio, da Supgp.

Responsável pelo atendimento no telecentro, Marli Leme de Campos, da Supop, destaca-se na turma por

já ter conhecimento prévio de Libras. Seu irmão mais novo é surdo e em sua carreira anterior, como enfermeira, teve necessidade de se fazer entender por uma gestante surda. Devido a esse histórico, estudou bastante a expressividade dos surdos, mas declara que o conteúdo ensinado no curso é muito mais aprofundado, especialmente por conta da professora contratada pelo Serpro. ►



Alunos fazem sinais da língua dos surdos: aprender o vocabulário gestual é um dos maiores desafios

### Língua, em vez de linguagem

A mestra é Simone Machado Fontoura, professora de Libras em uma universidade. Ela é surda, frisa. “Deficientes podem ouvir algo, eu já nasci sem poder ouvir; a palavra correta é surdez”, explica na primeira aula, auxiliada pela intérprete. Extrovertida, Simone tem facilidade em leitura labial e aprendeu a falar. Por isso, dispensa a companheira no restante do curso.

Conceitos básicos são expostos logo de início: Libras é uma língua, e não a “linguagem dos surdos”, como se costuma dizer. Linguagem é forma de expressão, não normatizada. Já Libras tem estrutura, sintaxe, alfabeto e vocabulário próprios, tudo que qualquer outra língua possui. Uma estrutura tão particular que crianças surdas devem conhecer Libras antes de português, já que essa será sua língua mãe.

Outra informação nova para os “ouvintes”, como são chamados os não surdos, é que Libras se refere a duas coisas: o conjunto de gestos que significam palavras e expressões, mais o alfabeto datilológico, aquele abecedário feito com os dedos. E esse alfabeto muda conforme o país, assim como os gestos. “Mas surdos estrangeiros se entendem mais rapidamente do que ouvintes”, repara Simone. Talvez porque haja um elemento universal que impregna toda essa comunicação: a expressão corporal. É ela que distingue um “por que?” de um “para que?”, sinalizadas com o mesmo gesto, mas que se fazem diferentes por um levantar de ombros ou uma ênfase nas mãos.

### O nome das coisas

Aprender o básico do vocabulário gestual é o maior desafio para os alunos, uma vez que, na prática, os surdos usam seu alfabeto “manual” apenas para comunicar nomes ou expressões pouco usadas. Mesmo as pessoas são batizadas com um sinal, um gesto que indica um traço marcante de cada um, seja físico ou da personalidade. Um dedo que se passa sobre as sobrancelhas fica sendo o nome de uma colega que as tem bem definidas, assim como a emotividade da professora a fez ser “batizada” com um gesto de abraçar.

O curso abre um mundo de informação que vai logo atiçando a curiosidade dos colegas. Como se diz: até amanhã? E mais tarde, dá licença, cachorro, gato, cinco, trigésimo, antes, confuso, filho? “E namorar? “E amante? E beijo”, arriscam alguns, iniciando uma sessão de risadas. Mas a professora logo retoma o foco da atividade. Afinal, é preciso usar muito bem essas 40 horas de aula para aprender a falar o básico do mundo... sem abrir a boca. ■

## MUITOS MOTIVOS, UM SÓ DESTINO

*Conheça as razões que levam colegas a utilizarem as bibliotecas da empresa*

“Criar uma biblioteca no Serpro foi a feliz ideia de alguém, lá no passado, gerada talvez pela necessidade. E até hoje é uma fonte prática e acessível de conhecimento e lazer, disponível a todo corpo funcional da empresa”, afirma Tânia Pinheiro, da Supop, em Porto Alegre. A colega é uma assídua usuária da biblioteca da Regional. Ela confessa: é viciada em leitura. Por isso, sua relação com esse espaço se confunde com a sua própria história no Serpro. Afinal, faz uso desse serviço desde que entrou na empresa, em 1984.

Tânia conta que a literatura é a sua preferência – os gêneros são variados, de aventura a épicos. Com frequência, também, auxilia familiares e amigos com pesquisas para trabalhos acadêmicos. “O acervo da Biblioteca daqui é bem atualizado, isso é ótimo”.

### **Leitura, leitura e mais leitura para o MBA**

Rafael Ponde, da Supop, na capital carioca, começou a utilizar a Biblioteca da Regional Rio de Janeiro em junho de 2010, período que estava escrevendo sua monografia para conclusão do MBA em Gerência de Projetos. Dali em diante, as visitas tornaram-se frequentes. Atualmente, busca mais periódicos como os jornais, revistas e publicações sobre PMbok.



Fernando Casagrande (esq.) e Rafael Ponde (dir.) aprovam os serviços das bibliotecas

Ele destaca a atenção da equipe com as necessidades dos colegas. “Uma vez, precisava de um livro em inglês, bem caro, específico sobre gestão de riscos e que só tinha um fornecedor. Eu planejava comprá-lo, devido à urgência, mas a Jussara, que trabalha na biblioteca, pediu as informações sobre o livro e me disse que aguardasse. Inusitadamente, ela conseguiu a compra em mais ou menos 15 dias e até hoje utilizo o livro”, relembra Ponde.

Na Sede, Odara Umbelino, lotada na Supcd, diz que passou a utilizar a biblioteca já nos primeiros meses de serpriana. “Quando percebi que precisava de apoio teórico para atender algumas demandas, resolvi procurar se havia alguma biblioteca no Serpro”,



**Conhecer para usufruir! Saiba mais sobre os serviços das bibliotecas:**

<http://serpronet.serpro/diversos/cdi>



lembra Odara, que afirma ter ficado contente com o resultado. Publicações técnicas nas áreas de administração e estratégia são a sua prioridade.

### Atendimento vapt-vupt

A procura por tranquilidade para ler é outra razão para visitar a biblioteca. Fernando Casagrande, da Supde, em São Paulo, frequenta o espaço da Regional paulista desde 2005 e explica: “comecei a ir, mais para ler o jornal do dia e as revistas da semana, em um local tranquilo”. Ultimamente, Fernando aproveita o tempo livre para estudar no local. O colega destaca a cordialidade da equipe de atendimento

e a prestatividade, que superam as expectativas. “Um dia, pedi para colocarem, se possível, tomadas nas bancadas de autoestudo para ligar um notebook. No outro dia, já estavam lá”, comenta Casagrande.

Para ele, a biblioteca é um ambiente agradável para ir e o serviço é de primeira. “Posso dizer isso, porque já conheci muitas bibliotecas públicas e de universidades. Tenho uma amiga que trabalha na Mário de Andrade, e fui lá na reabertura esse ano. Guardadas as devidas proporções, os serviços da biblioteca da Regional São Paulo não devem nada aos da Mário de Andrade”, elogia o colega. ■



Odara (esq.) e Tânia (dir.) começaram a usar a biblioteca logo que entraram na empresa

### 🔍 Você Sabia?

## São quatro espaços, mas para todos!

O Serpro possui quatro bibliotecas físicas: Brasília, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Se não existe biblioteca na sua unidade, é possível solicitar obras nas bibliotecas citadas. Para isso, basta entrar em contato com o OLGP de sua regional que intermediará essa relação.

Pela intranet, você pode ter acesso ao Acervo Online - conjunto de obras de todas as bibliotecas; Sumários Correntes - que relacionam todos os periódicos e Leitura Seleccionada - divulgação de artigos e periódicos assinados pela empresa. Esses são os serviços mais conhecidos, porém existem outros. Entre eles: compra de livros, quando justificada a necessidade, e empréstimo de materiais em outras bibliotecas da Administração Pública. Algumas ações são peculiares de cada local. Confira:

**Sede** - Pesquisa bibliográfica, de acordo com o assunto de interesse do empregado.

**São Paulo** - Apoio para normatização de trabalhos acadêmicos.

**Porto Alegre** - "CDI vai até você", a iniciativa oferece aos empregados, diretamente nas áreas, uma seleção de publicações.

## 46 ANOS DE DESENVOLVIMENTO

*Regional Curitiba cresceu junto com a cidade conhecida pelo alto nível de sustentabilidade*

A história do Serpro no Brasil começa em dezembro de 1964, mas foi só no ano seguinte que ele viria a aportar em terras paranaenses: a projeção de Curitiba surgiu em novembro de 1965. Nesse ano, a cidade de apenas 350 mil habitantes ganhava o Plano Agache, um projeto de desenvolvimento. Muitos estudiosos atribuem a esse planejamento a vocação para a inovação urbanística que caracteriza Curitiba, metrópole mais verde da América Latina e uma das dez cidades do mundo com mais perspectivas de sustentabilidade, segundo o instituto Ethisphere, de Nova York.

Tal como a cidade, também o Serpro dava seus primeiros passos em direção ao salto de crescimento no Paraná de 1965. Acomodada inicialmente em dependências dentro da Receita Federal, a Regional só ganharia casa própria muitos anos depois. Luís Carlos Gandin, hoje na Supgl, entrou na empresa em 1972 e recorda que o ambiente de trabalho era bem modesto, apesar de adequado às funções de conferência do imposto de renda. “Não havia mesas e cadeiras individuais: sentávamos em um banco de madeira grande, revestido em espuma, e trabalhávamos em uma mesona retangular, como se estivéssemos em uma mesa de refeição com várias pessoas”, conta.



Construção da sede, em 1979, acabou com trânsito de colegas entre vários imóveis

### Convite feito em casa

Um colega do Paraná que ajuda a lembrar dessa época é Mauro Roberto Simião, da Supst. Ele foi contratado pelo Serpro em 1969. “Antes disso, tive dois contratos temporários de dois meses, como era comum. Quando o segundo acabou, fui passear no Rio

de Janeiro. Para minha surpresa, meu pai conseguiu me localizar e avisou: 'volte que tem emprego para você aqui'. Naquela época as comunicações eram mais difíceis e, na pressa, o pessoal do Serpro foi atrás de mim em minha casa. Os tempos eram outros”, comenta. ▶



José Carlos Gandin: sede representou mudança radical

Outra característica da época destacada por Simião é o tipo de trabalho que a empresa oferecia. “Ao contrário de hoje, em que o Serpro acena com estabilidade e perspectiva de futuro, naquela época a empresa oferecia principalmente um emprego bom para jovens, que podiam trabalhar seis horas e não tinham a pretensão de continuar na carreira. Era tudo passa-

geiro. Por isso, havia sempre gente nova, muita juventude, um clima gostoso, apesar de as exigências das chefias serem, muitas vezes, rigorosas demais, até pelo contexto histórico”, recorda.

Mauro Simião lembra-se que começou a trabalhar em um edifício que a empresa mantinha na esquina

das ruas Xavier da Silva e Mateus Leme, no bairro do Centro Cívico, onde se localiza a sede atual. Ele conta que a empresa se distribuía em várias dependências, cada qual abrigando uma ou mais áreas específicas. Além do edifício central, havia um local na Al. Dr. Muricy, no centro, e também um almoxarifado localizado no bairro do Jardim Social. “Por causa disso, sempre tínhamos dois ou três veículos circulando pela cidade”, relembra. A situação, que dava margem a brincadeiras porque o imóvel do Jardim Social, “praticamente um barracão”, localizava-se numa das áreas mais nobres de Curitiba. “Todo mundo gostava de ir buscar material no almoxarifado, era bem agradável”, recorda.

### Enfim, a casa própria

Foi na segunda metade da década de 70 que a construção da atual Regional começou, em um terreno doado pela União localizado na R. Carlos Pioli, 133. O processo de construção da Regional foi coordenado por Oswaldo Bittencourt e inaugurado em 13 de fevereiro de 1979, o que representou uma grande mudança de paradigmas.

Esta parte da história também é lembrada por Luís Carlos Gandin. Antes mesmo da inauguração da Regional, Gandin já estava presente no edifício: “Eu estava efetuando o tombamento dos bens novos que o Serpro estava adquirindo”, lembra. Segundo ele, o novo prédio representou uma grande mudança no que diz respeito ao conforto dos empregados: “O prédio foi projetado pensando nas atividades que seriam realizadas. Recebemos muitos móveis novos, mais confortáveis. No prédio antigo, tinham aquelas mesas grandes e bancos inteiriços... foi uma mudança radical”. ▶

### Das tábuas de lavar aos IBMs

Mauro Simião também considera que a mudança para o novo prédio representou uma quebra com os paradigmas até então vigentes: “os nossos processos mudaram devido aos novos espaços”, diz. Ao chegar no novo prédio, foram introduzidos novos sistemas como os concentradores de teclados, que passavam as informações diretamente para os computadores de grande porte, em vez das perfuradoras de cartões e fitas de papel até então existentes.

Jair da Silva, da Supop, no Serpro desde 1976, lembra da época dos concentradores de teclado através de seu nome curioso: “eles eram chamados de 'tábuas de lavar roupa', na época”, pois tinham uma prancha inclinada para apoiar os documentos. “Depois de um tempo, foram introduzidos os terminais de vídeo conhecidos como STV, além de um sistema Unix, que permitia a conexão de até 32 terminais em um único computador”, relembra Silva.

Aliás, a tecnologia da Regional passou por grandes alterações desde sua fundação: Mauro Simião conta que nos primórdios o tratamento das informações que o Serpro recebia era feito em um parque de processamento de dados arrendado pela IBM. “O arrendamento era feito por horários, e a nós não raro cabia o horário da madrugada”, lembra. “Trabalhar 12 horas no centro de processamento era comum”.

O primeiro computador próprio utilizado pelo Serpro foi um IBM System/3, que chegou a ficar durante algum tempo exposto no edifício da Regional após ser retirado de serviço. Tratava-se de uma máquina de entrada, sendo um dos modelos mais baratos fornecidos pela IBM na época. Depois foram introduzidos

os mais potentes e modernos System/360, 370 e 390, que marcaram o fim da computação de grande porte na Regional Curitiba, no início dos anos 90. Então foram introduzidos os computadores fabricados pela atual Cobra Tecnologia, empresa pública especializada na fabricação de hardware.

A redução das necessidades de pessoal e capacidade de processamento, no entanto, não apagou as boas lembranças do tempo em que começou a trabalhar no Serpro, segundo Jair: “Essa foi uma época de boas amizades. Realmente, de grande companheirismo”, constata. ■



Regional foi construída no bairro Bom Retiro, que concentra edifícios do poder público

